

Cinema
de
Arte

promoção

organização

Acervo Digital direção

do

Walter
da Silveira
Clube de Cinema da Bahia

5 - Março - 1966

“O HOMEM DO RIQUIXÁ”

(“Muhomatsu”)

FICHA TÉCNICA

Argumento e roteiro — Hiroshi Inagaki

Direção — Hiroshi Inagaki

Fotografia — Kazuo Yamada

Interpretação — Toshiro Mifune e Hideko Takamine

Produção — Toho Filmes, 1958

— Leão de Ouro no Festival de Veneza de 1958

Hiroshi Inagaki pertence à primeira geração dos grandes realizadores japoneses: nascido em 1905, sua estréia na direção cinematográfica já data de quase quarenta anos, com «A paz do mundo» em 1928. Aliás, desde a infância se integrara no cinema: foi ator infantil da Nikkatsu.

Mais abundante do que propriamente fecundo, Inagaki tem uma filmografia superior a oitenta fitas. No entanto, aqueles que conhecem mais profundamente o cinema japonês nunca o situaram ao lado de um Kenji Mizoguchi, um Teinosuke Kinugasa, um Heinosuke Gosho, um Mikio Naruse, um Yasujiro Ozu, um Akira Kurosawa, um Kaneto Shindo, um Masaki Kobayashi. Porque sua carreira sempre foi irregular, com peças maiores e menores. Dedicando-se sobretudo a temas históricos, tornou-se um dos responsáveis pela linha dos filmes de samurais, «filmes-sabres».

Sendo realmente um técnico da *mise-en-scène*, recebendo certa vez o título de «o príncipe dos diretores» no Japão, não tem Inagaki uma constante de pensamento, indo de um certo esquerdismo alegórico («O médico do interior») ao romantismo exuberante de «O homem do riquixá».

Na verdade, «Muhomatsu» é a segunda versão da estória pelo próprio Inagaki: a primeira data de 1943, e Joseph L. Anderson e Donald Richie, em seu magnífico «The Japanese film», a reputam melhor.

Não obstante, há uma perfeição plástica em «O homem do riquixá»: raramente, a câmara terá alcançado no cinema tamanha beleza. A fotografia excepcional de Kazuo Yamada contribuiu poderosamente para a consagração desse filme em Veneza e em toda parte.

Depois, existe, como sempre, a interpretação admirável de Toshiro Mifune: seria difícil conceber Muhomatsu, o puxador do jeringuexá, na figura de outro ator. Suas brigas terríveis, as disputas atléticas, sobretudo a inesquecível cena do tambor, pertencem à característica pessoal de Mifune.

PRÓXIMOS PROGRAMAS:

«O covil dos lobos», de Jiri Weiss.

«O corvo amarelo», de Heinosuke Gosho

«A trapaça», de Federico Fellini

«Quando as cegonhas passam», de Mikhail Kalatozov

«Sabotagem», de Alfred Hitchcock

Festival de curtas-metragens checas

RELATO DE 1965

Cumprindo exclusivamente seu programa de cultura cinematográfica, o Clube de Cinema da Bahia realizou em 1965:

- 1) a V Jornada Nacional de Cine-Clubes, com a participação de delegados de todo o país;
- 2) o I Festival de Filmes Brasileiros de Curta-Metragem, com prêmios importantes;
- 3) o Festival do Cinema Checo com filmes de longa e curta metragem, vários premiados internacionalmente;
- 4) o festival «Obras-primas do cinema americano silencioso»;
- 5) a noite de gala de «Romeu e Julieta nas trevas», com a presença da atriz checa Dana Smutna;
- 6) a abertura do Cinema de Arte, no qual foram exibidos quarenta filmes, sendo quinze inéditos.

A fim de avivar a memória, vão relacionados os filmes inéditos

mais importantes: «O ano passado em Marienbad», de Alan Resnais; «Harakiri», de Masaki Kobayashi; «O grito», de Michelangelo Antonioni; «Omicron, o agente do espaço», de Ugo Gregoretti; «Viver», de Akira Kurosawa; «Os companheiros», de Monicelli; «Os indiferentes», de Francesco Maselli; «Ivan, o terrível» (2a. parte), de Eisenstein; «A passagem do Reno», de André Cayatte; «Velhas lendas checas», de Jiri Trnka.

Figuraram, entre os filmes não-inéditos, muitos que são das obras capitais do cinema, alguns exibidos antes apenas um dia comercialmente: «A noite», de Michelangelo Antonioni; «Trono manchado de sangue», de Akira Kurosawa; «Terra do sonho distante», de Elia Kazan; «Sorrisos de uma noite de amor», de Ingmar Bergman; «Rocco e seus irmãos», de Luchino Visconti; «Ivan, o terrível» (1a. parte), de Eisenstein; «Os incompreendidos», de François Truffaut; «Hiroshima meu amor», de Alan Resnais; «A aventura», de Michelangelo Antonioni; «O salário do medo», de Henri-Georges Clouzot; «Acossado», de Jean-Luc Goddard; «A grande ilusão», de Jean Renoir; «Guerra e humanidade», de Masaki Kobayashi. Podem ainda ser lembrados, embora menos importantes: «O mafioso», de Alberto Lattuada; «O baton», de Damaso Damiani; «Os primos», de Claude Chabrol; «Festim diabólico», de Alfred Hitchcock; «Mulher oculta», também de Hitchcock; «A balada do soldado», de Grigori Tchouckrai; «Uma mulher é uma mulher», de Jean-Luc Goddard; «Aquêle que deve morrer», de Jules Dassin; «Os dias são numerados», de Elio Petri.